

São Manuel Bueno, mártir: a hagiografia de um santo sem fé

Lucas Gilnei Pereira de Melo *

Resumo

O presente artigo objetiva realizar uma análise da novela de Miguel de Unamuno, “São Manuel Bueno, Mártir”, verificando a escrita hagiográfica do autor no processo de criação de um personagem santo, Dom Manuel, cujas ações e pensamentos transitam entre a santidade e a heresia. Observaremos os traços da biografia com base na teoria de Levi (2006), visto a novela ser construída a partir dos relatos da narradora Ângela Carballino, sendo, dessa forma uma tentativa de escrever sobre uma vida. Além disso, por tratar-se de uma hagiografia, traremos a baila o teórico Certeau (2010), pois o mesmo discute elementos caracterizadores da santidade, além da postura histórica da igreja em relação à própria hagiografia. A novela de Unamuno perpassa, ainda, pela discussão filosófica existencialista, sobre o sentido da vida, a fé divina e o suicídio.

Palavras-chave: história; ficção; biografia; hagiografia; heresia; santidade.

Abstract

This paper aims to undertake an analysis of the novel by Miguel de Unamuno, "São Manuel Bueno, Mártir", checking the author's hagiographical writing in the process of creating a holy character, Dom Manuel, whose actions and thoughts passing between the sanctity and heresy. We observe the traces of the biography on the theory of Levi (2006), because the novel is constructed from the accounts of the narrator Angela Carballino, and thus an attempt to write about a life. Moreover, because it is a hagiography, we bring the theoretical Certeau (2010), because he discusses characteristic elements of holiness, as well as the church's historical stance in relation to own hagiography. Unamuno's novel goes through existentialist philosophical discussion on the meaning of life, faith and divine suicide.

Key words: history, fiction, biography, hagiography, heresy, holy



* LUCAS GILNEI PEREIRA DE MELO é Mestrando em Crítica Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



Miguel de Unamuno (1864-1936)

No presente texto faremos a análise da novela, escrita por Miguel de Unamuno, “São Manuel Bueno, Mártir”, verificando a escrita hagiográfica do autor no processo de criação de um personagem santo, Dom Manuel, que transita entre a santidade e a heresia. Seu percurso é de trânsito entre esses dois extremos, pois o autor coloca em cheque o elemento mais importante da própria santificação: a fé divina e a existência de Deus. Para Perissé (2010), “A santidade de Dom Manuel é uma santidade invertida. Seu martírio auto-redentor está em ocultar aos demais a verdade escandalosa de que é um sacerdote sem fé” (PERISSÉ, 2010, p.3).

Na análise da novela observaremos os traços da biografia com base na teoria de LEVI (2006). Dessa maneira, a novela que trata da vida de Dom Manuel torna-se de extrema valia para se entender, por exemplo, correntes ideológicas da época, como o existencialismo, e, principalmente, para verificar como o perfil de uma vida é moldado a partir de uma perspectiva, naturalmente

fragmentada e dúbia, como é a da narradora Ângela Carballino.

Por tratar-se de uma hagiografia, traremos a baila o teórico Certeau (2010), pois o mesmo discute elementos pertinentes a nossa análise. Para o autor, a hagiografia é um lugar onde o lazer e o extraordinário se encontram, a favor da exemplaridade que os textos sobre santos proporcionam. Para o estudioso: “o extraordinário e o possível se apóiam um no outro para construir uma ficção posta aqui a serviço do exemplar” (CERTEAU, 2010, p.271).

Ao longo dos anos a Igreja resistiu em deixar a hagiografia entrar em seu âmbito, pois considerava essa escrita como portadora de “lendas” e “superstições”. Porém, isso não impediu que as hagiografias se espalhassem entre os fiéis, no século IX, muito rapidamente. Segundo Certeau (2010), para os censores da época “a hagiografia seria a região onde, localizados no mesmo lugar e condenados juntos, pululam o falso, o popular e o arcaico” (CERTEAU, 2010, p.271). Seria, além

disso, um lugar perpassado pela história, aquela real e que de fato aconteceu, mesclada ao imaginário humano, enriquecido pelo simbólico e pelo o “que poderia acontecer”. É o que reforça Pesavento (2006) ao afirmar que a literatura possui um “efeito real”, devido os personagens viverem sentimentos e situações possíveis na realidade. Assim, a literatura fornece pistas verossímeis para sabermos “como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam e o que desejavam” (PESAVENTO, 2006, p.8).

Talvez fosse esse o motivo da resistência eclesial: devido a hagiografia representar o santo trilhando caminhos heréticos e santificados, tal como qualquer ser humano. Dessa forma, a Igreja intervinha através da censura mascarada de acordo com as épocas. Por exemplo, no início eram critérios litúrgicos, depois dogmáticos. No século XVII, eram critérios históricos, a partir da veracidade dos fatos. Logo, no século XIX, os critérios tornam-se morais e verifica-se, também, uma normalidade psicológica. Dessa forma, “num meio patológico, o santo deve se distinguir por seu ‘equilíbrio’, que o compromete de forma exemplar no código estabelecido por novos clérigos letrados” (CERTEAU, 2010, p.272). Nesse sentido, com tantas restrições por parte da igreja, a sociedade eclesiástica selecionava o que seria ‘consumido’ da hagiografia, de acordo com as conformidades estabelecidas. Ela julgava e tolerava, o que em seu dizer, seria útil ao povo. Seria essa mesma elite que ao mesmo tempo aprovava e recusava a hagiografia de algum santo.

O texto de Unamuno ainda transita por discussões filosóficas, como o suicídio, o existencialismo e o sentido da vida, e, por conta disso, torna-se pertinente as contribuições, por exemplo, de Gabriel Perissé (2010) em seu artigo “A santidade de São Manuel Bueno, mártir”,

que discute alguns elementos da novela, como a convivência de Dom Manuel com a dúvida ao invés da pesquisa e o fato de subestimar a capacidade de compreensão de seu povo, considerando-o um “povo fraco e frágil”, incapaz de sobreviver a verdade e ao tédio da vida sem crença.

Henrique Jorge (2010), em seu artigo “São Manuel Bueno, mártir é também um texto político”, traz importantes elementos, visto que o autor contextualiza a novela de Unamuno na Espanha do início do século XX. Segundo o autor, Unamuno combateu a Monarquia Espanhola suportada por uma casta religiosa que era a Igreja Católica. Além disso, nos faz perceber o jogo de idéias que se confluem entre Dom Manuel e o próprio Miguel Unamuno.

Jorge (2010), “sugere como ele próprio [Unamuno] se resignou revelando uma espécie de função social da religião, indispensável ao equilíbrio e ao bem estar do povo” a partir da escrita de sua novela. Função social essa que estava sendo perseguida na Espanha desde a república que se instaurou no país. Unamuno era contra a monarquia, cuja Igreja estava vinculada, no entanto também se opunha ao progressismo que estava fazendo mais vítimas do que a própria inquisição, através de perseguições ao que não era racional. Segundo Jorge (2010), “desde os primeiros momentos da República que a violência política se instalou na vida cotidiana da Espanha, sendo vulgares os assassinatos em massa e as destruições de toda a ordem” (JORGE, 2010).

Ao autor de “São Manuel Bueno, mártir”, Miguel de Unamuno, nasceu na Espanha, Bilbao, em 1864. Após a morte de seus pais, fora criado por um tio, assistindo de perto a luta entre as forças progressistas e tradicionalistas que se

instauravam em Bilbao, cujo movimento deixou fortes marcas em seu pensamento político. Em 1880, cursou filosofia e Letras pela Universidade de Madrid. Antes de assumir a cadeira de reitor, em 1896-1897, Unamuno passou por uma profunda crise religiosa, na tentativa de encontrar uma explicação racional para o sentido da vida e de Deus, concluiu que se deve abandonar qualquer pretensão ao racionalismo e abraçar a fé.

O autor usou dessa sua experiência política e acadêmica, além de seus contínuos questionamentos sobre a fé e a razão para escrever a novela “São Manuel Bueno, Mártir”, publicada, inicialmente em 1931 e republicada em 1933 com breves alterações.

A história trata-se de um relato escrito por Ângela Carballino que supostamente chegou à Unamuno sobre a vida de Dom Manuel, cuja beatificação já estaria em processo. Na história percebemos a admiração que existe por parte de Ângela em relação ao padre, sendo chamado várias vezes de “meu pai espiritual”. Além disso, no relato de Ângela é perceptível o trabalho incansável de Dom Manuel na comunidade, tanto espiritual quanto social, embora seja revelado que Dom Manuel tenha perdido completamente a fé que tivera na infância. A complexidade da novela de Unamuno está exatamente nesse fato: “um homem santo, aos olhos do povo católico de uma pequena cidade espanhola, mas um homem ateu, aos olhos de sua própria consciência” (PERISSÉ, 2010).

Nesse sentido, é necessário atentarmos para a questão biográfica que perpassa a construção desse personagem tecido através do relato de Ângela, visto ser escrita a partir de uma perspectiva e, por isso, fragmentária e tendenciosa, pela natural impossibilidade de se chegar à totalidade da figura humana. Ângela é

uma grande admiradora de Dom Manuel, que desde cedo substituiu a imagem de seu pai verdadeiro, perdido quando era ainda muito pequena, pela imagem do futuro santo. Segundo LEVI (2006):

É essencial conhecer o ponto de vista do observador; a existência de uma outra pessoa em nós mesmos, sob a forma do inconsciente, levanta o problema da relação entre a descrição tradicional, linear, e a ilusão de uma identidade específica, coerente, sem contradição, que não é senão o biombo ou a máscara, ou ainda o papel oficial, de uma miríade de fragmentos e estilhaços. (LEVI, 2006, p.173)

Além disso, LEVI (2006) complementa que a biografia se coloca perante inúmeras dificuldades, como “os atos e dos pensamentos da vida cotidiana, das dúvidas e das incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico da identidade e dos momentos contraditórios de sua constituição” (LEVI, 2006, p.169). Percebemos o quanto é complexo a biografia, visto ser, também, complexo o ser humano, pela sua instabilidade e fragmentação.

O espaço onde ocorre a trama é Valverde de Lucerna pertencente à Diocese de Renada, na Espanha. Ângela inicia seu texto contando sobre o início do processo de beatificação feito pelo bispo da região. Os elementos simbólicos do texto aparecem desde a descrição do Santo. Quando Ângela associa o olhar de Dom Manuel ao “profundo azul de nosso lago”, que simboliza a dúvida, mostrando ao leitor os questionamentos presentes em seu interior, torturando a sua consciência. Além disso, nos mostra como Dom Manuel era capaz de persuadir sua comunidade, de convencê-los do amor divino, segundo Ângela “quando nos olhava parecia transpassar a carne como um cristal para esquadrihar nossos corações” (UNAMUNO, p.6-7).

A narradora conta que viveu fora de Valverde para estudar, porém logo “se engasgou com a pedagogia” (UNAMUNO, p.8). Queria mesmo era voltar para sua aldeia e ser protegida pelo famoso Dom Manuel. Segundo ela, “A vida dele [de Dom Manuel] era salvar casamentos desajustados, aproximar filhos rebeldes dos pais ou aproximar os pais dos filhos, confortar os amargurados, os desanimados, e ajudar a todos a bem morrer” (UNAMUNO, p.10).

A princípio a leitura nos coloca a par do que qualquer santo faria: perpetuar a palavra divina e fazer boas ações. Sobre isso, enfatiza Certeau ao afirmar que “cada vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma *manifestação* graças à combinação topológica de ‘virtudes’ e de ‘milagre’” (CERTEAU, 2010, p.267). Além disso, Certeau (2010) complementa que “a vida de santo se inscreve na vida de um grupo, Igreja ou comunidade. Ela supõe que o grupo já tenha uma existência. Mas representa a consciência que ele tem de si mesmo, associando uma *imagem* a um *lugar*”. (CERTEAU, 2010, p.269)

Quanto a isso, podemos nos referir as inúmeras vezes que Dom Manuel manifesta sua inteira disposição em ajudar a aldeia e de estar presente nos momentos em que o seu povo mais precisa, ou seja, ele está diretamente ligado ao seu povo, pois só chegaria à santidade pelas benfeitorias realizadas em prol dessa mesma aldeia, não que esse fosse o seu principal objetivo, mas elemento constituinte de sua própria natureza.

Natureza esta que a novela pressupõe antes mesmo da leitura da primeira página, por se tratar da história de um santo, pois “como na tragédia grega, conhece-se o resultado desde o início,

com a diferença de que lá onde a lei do destino grego supunha a queda do herói, a glorificação de Deus pede o triunfo do santo” (CERTEAU, 2010, p.273). No entanto, a grande complexidade da novela em relação ao óbvio da leitura hagiográfica está na surpresa da descrença de Dom Manuel, que apesar de convencer a todos com o seu tom verbal quase divino nas cerimônias religiosas, nutre em seu interior a angústia da descrença na religião.

Dom Manuel, na trama, se mostra como um fazedor de milagres, cuja força mostrava-se apenas com um olhar para retirar a verdade de alguém, o que fazia sua fama correr nos arredores de sua aldeia. O futuro santo preocupava-se em preencher sua vida de inúmeras atividades, fugindo do ócio. Tal fato é explicado mais adiante, quando Dom Manuel confessa ter herdado de seu pai uma estranha tendência ao suicídio e para fugir desse fato procurava inúmeros trabalhos, para ocupar a sua mente.

Camus, em seu ensaio escrito em 1942 “O Mito de Sísifo”, é quem discorre com propriedade sobre a questão do suicídio ao utilizar a figura da mitologia grega fadada ao trabalho inútil: Sísifo está condenado a repetir sempre a mesma tarefa, de empurrar uma pedra de uma montanha até o topo, só para vê-la rolar para baixo novamente. O mito serve para introduzir a filosofia do absurdo que discute o homem inserido em um mundo em busca de sentido e clareza, cuja grande questão seria: a realização do absurdo (neste caso o do trabalho inútil) exigiria o suicídio?

Encontrando somente o absurdo vazio da existência, resta ao homem questionar-se integralmente sobre o sentido da vida, decidindo por si se vale a pena ou não viver. No caso da novela, Dom Manuel estabelece a sua causa de “fazer viver” e repete inúmeras vezes que é “preciso

fazer viver”. Assim, aparentemente essa seria a força que dá sentido a vida ao padre.

Dom Manuel nos mostra que consegue controlar o seu fardo e propaga a ilusória sensação divina aos aldeões que estavam sob seus cuidados. Empurra a pedra, prega a religião e a vê correr novamente para o mesmo ponto de saída, mesmo sabendo de seu ateísmo. Acredita que o povo sem a fé e sem “os ensinamentos da Santa Madre Igreja” não aguentariam o fardo de viver. Em conversa com o irmão de Ângela, Lázaro, Dom Manuel diz: “A verdade? A verdade, Lázaro, pode ser algo terrível, algo intolerável, algo mortal. As pessoas simples não poderiam conviver com ela”. (UNAMUNO, p.40). A verdade da qual fala Dom Manuel é a inexistência da vida eterna, de Deus e de tudo que ele pregava aos pobres da Aldeia.

Lázaro é o personagem que chega trazendo as luzes da cidade grande e que possui certa resistência, inicialmente, a Dom Manuel, pois fica sabendo de sua fama desde a sua estadia em sua morada anterior e desconfia dos fatos. Lázaro chega a Valverde de Lucerna convicto em levar sua irmã Ângela e sua mãe para morarem em uma cidade maior, no entanto ambas preferem ficar na aldeia, por já estarem acostumadas ao ritmo da aldeia e por desejarem ficar perto de Dom Manuel. Após um tempo, Lázaro e Ângela perdem a mãe. Nesse prazo, quem dá conforto à Lázaro é o próprio Dom Manuel. Nesse momento, ambos se aproximam e Ângela percebe que Dom Manuel conseguiu convertê-lo aos seus ensinamentos quando consegue fazer com que Lázaro receba a eucaristia.

Porém, no dia seguinte Lázaro resolve contar a verdade sobre Dom Manuel à Ângela. Lázaro lhe contou que D. Manuel insistiu para que ele acreditasse sem acreditar e para ocultar as idéias

reveladoras. Entendeu que essa era uma causa santa, pois, como diz Lázaro “ao perseverar em me atrair para sua santa causa – e é uma causa santa, santíssima – , não considerava que seria uma vitória, mas um voto pela paz, pela felicidade, ou pela ilusão, se preferes, daqueles que estão sob seu cuidado (UNAMUNO, p.40).

Dessa forma, resgatamos o que Jorge (2010) nos fala sobre a transformação da Igreja em um dispositivo social capaz de fazer viver melhor os seus fiéis, mesmo que ilusoriamente. Em seguida, na trama, Ângela vai ao encontro de Dom Manuel para fazer os questionamentos sobre essa revelação. E, nesse momento, ambos choraram, o que demonstra que o D. Manuel possuía uma consideração diferenciada por Ângela, por talvez considerá-la mais instruída e capaz de suportar a “verdade” do que o seu povo. Ao justificar-se, Dom Manuel novamente repetia que era preciso crer, pois era “preciso viver” e era “preciso dar a vida”. Assim, Perissé (2010) nos coloca que “Dom Manuel opta por um dilema sem saída. Não pode renunciar ao seu ateísmo nem à sua missão sacerdotal. Será talvez um dilema artificial, mas é ao redor dele que tudo gira” (PERISSÉ, 2010).

É por esse posicionamento que Dom Manuel é também um mártir, por perseverar em sua causa e não permitir que essa “verdade” chegue ao seu povo. Esse povo que nos dizeres de Lázaro, “decerto crê sem querer, por hábito, por tradição” é poupado, segundo a visão de Dom Manuel, de pensar a existência e o sentido da vida, ficando o fardo para o próprio santo.

No entanto, Unamuno em um epílogo explicativo sobre a origem do relato, nos dá indicações de que nada mudaria, mesmo que essa “verdade” fosse revelada, visto o povo acreditar e venerar

mais a ação do que algo não perceptível aos olhos. Vejamos nas palavras do próprio autor:

Se Dom Manuel e seu discípulo Lázaro tivessem confessado ao povo sua descrença, este, o povo, não teria compreendido. Nem teria acreditado, acrescento. Teria acreditado em suas obras, não em suas palavras, porque as palavras não servem para amparar as obras, eis que as obras se bastam. E para um povo como o de Valverde de Lucerna não há melhor revelação do que a conduta. Nem sabe o povo o que é a fé e talvez nem se importe com isso. (UNAMUNO, p.76)

Dessa forma, o martírio de Dom Manuel está em carregar um peso desnecessário, em proteger sua comunidade desse seu medo da morte, cujos fiéis talvez não aguentassem. Para Certeau (2010), “o ‘martírio’ predomina lá onde a comunidade é marginal, confrontada com uma ameaça de morte, enquanto a ‘virtude’ representa uma igreja estabelecida, epifania da ordem social na qual se inscreve” (CERTEAU, 2010, p.269). Dessa forma, São Manuel opta pelo martírio, por achar o mais correto com o seu povo, pela causa de “fazer viver” e de “dar a vida” aos fiéis. Perissé (2010) complementa ainda que “o que o salva do suicídio, é manter intacta a felicidade alheia, o que lhe dá forças (precárias) para não sucumbir à dor de ter nascido” (PERISSÉ, 2010). O padre de Valverde concentra suas forças para que os seus fiéis não percam a única coisa que ele acredita que eles tem, as verdades cristãs.

Em seus últimos momentos de vida, Dom Manuel dizia a Lázaro e Ângela para que perseverassem nesse mesmo objetivo, dizendo a ela “Tu, Ângela, reza sempre, continua rezando para que os pecadores, até a morte, sonhem com a ressurreição da carne e a vida eterna...”

(UNAMUNO, p.62). Lázaro, ao lembrar os ensinamentos do padre após a sua morte, demonstra que possui sim uma fé, no entanto, é uma fé na “satisfação de viver” ao contrário dos homens “nocivos e perigosos” que ele descreve em sua conversa com Ângela, ao dizer que existem certos homens que atormentam os demais por acreditarem na existência além-vida e, também, “aqueles que, convencidos da vida no além-túmulo, da ressurreição da carne, atormentam os demais – inquisidores que são (...) e aqueles que, não crendo senão neste (...) esperam sei lá que sociedade futura e querem negar ao povo o consolo de crer em outro” (UNAMUNO, p.66).

Da mesma forma, Ângela, ao perder seu irmão Lázaro e tendo perdido seu pai espiritual, retoma os exemplos de ambos. A partir da distância temporal dos fatos, passa a refletir sobre o maior ensinamento, de que é “É preciso viver! E ele [D. Manuel] me ensinou a viver, ele nos ensinou a viver, a sentir a vida, a sentir o sentido da vida” (UNAMUNO, p.70). No entanto, a narradora pondera que apesar de repetidamente Dom Manuel justificar-se como infiel e confessar tal fato à Lázaro e a ela mesma, ao final do livro a própria narradora se questiona se ambos crendo não crer, não acabaram terminando acreditando na religião.

Tal como Dom Manuel pregava aos seus fiéis que um suicida no último momento ainda em silêncio se arrependeria e acreditaria em Deus, Ângela imaginava que isso também poderia acontecer com seu irmão e Dom Manuel. Apesar de concluir tal possibilidade, Ângela também se vê em dúvida quanto a sua própria fé “que se confunde com uma crise da percepção, pois pergunta-se 'aconteceu de fato o que eu estou contando' (...)”, como bem nos aponta

Perissé (2010). Vejamos o trecho em que Ângela passa por essa crise:

E eu não sei o que é verdade e o que é mentira, nem o que vi e o que apenas sonhei – ou melhor, o que sonhei e o que apenas vi -, nem o que soube nem o que cri. Não sei se para este papel, tão branco como a neve, estou transferindo minha consciência, que nele há de ficar, ficando eu sem ela. E para que tê-la agora? Será que sei alguma coisa? Será que creio em algo? Aconteceu de fato o que estou contando? E aconteceu tal como eu conto? E essas coisas podem acontecer? (UNAMUNO, p.73)

Enfim, Unamuno destaca um personagem santo com a vida doada à comunidade, que sofre pelo outro e ajuda incansavelmente aqueles que precisam, esquecendo até mesmo de si próprio: elementos típicos da escrita hagiográfica que preza pela “exemplaridade” e pelas “virtudes” santas. Além disso, podemos pensar na função de um texto literário que, necessariamente, não precisa se ater a formas fixas, mas causar a tensão ao leitor, gerando reflexão sobre temas possíveis, coerentes e àqueles que ainda nos causam desconforto e dúvida, como é o tema da morte, da existência divina e do suicídio. Segundo ECO:

Ler um conto também quer dizer ser tomado por uma tensão, por um espasmo. Descobrir no final se o fuzil disparou ou não, não assume o simples valor de uma notícia. É a descoberta de que as coisas acontecem, e para sempre, de uma certa maneira, além dos desejos do leitor. O leitor tem que aceitar essa frustração, e através dela experimentar o calafrio do destino. (ECO, p.20).

Além disso, o autor acima citado enfatiza essa função literária de nos

colocar perante temas, às vezes, considerados tabus. Para o estudioso, “os contos ‘já feitos’ nos ensinam também a morrer. Creio que esta educação ao Fado e à morte é uma das funções principais da literatura” (ECO, p.21). Em “São Manuel Bueno, mártir”, Unamuno coloca na boca de seus personagens muitas dúvidas e desconfortos em relação à vida, exorciza a angústia de não saber do outro mundo ou de reconhecer a sua inexistência e de, também, perceber que a vida sem religião, apesar de suas inconsistências, é reconhecidamente um sistema social que possibilita a vida, tornando-a mais suportável.

Referências

- CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Disponível em http://filosofocamus.sites.uol.com.br/camus_sisifo. Acesso em 05.01.11
- ECO, UMBERTO. **Ensaio**. São Paulo: Record, s/d.
- JORGE, H. **São Manuel Bueno, mártir é também um texto político**. Disponível em <http://ocanto.esensiveu.net/apoio/unamun.htm>. Acesso em 10.11.2010.
- LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M. AMADO, J. (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 2006. (p.167-182)
- PERISSÉ, Gabriel. **A Santidade de São Manuel Bueno**. Disponível em <http://www.hottopos.com/vdletras2/gabr.htm>. Acesso em 30.11.2010.
- PESAVENTO, S. J. **História e Literatura: uma velha-nova história**. Revista Nuevo Mundos Nuevos, 2006. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acesso em 30.11.01.
- UNAMUNO, M. **São Manuel Bueno, mártir**. Porto Alegre: L&P, 1999.